

JAMIE McGUIRE

ALGO
Belo

Tradução

Cláudia Mello Belhassof

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS
EDITORA

Editora executiva: Raïssa Castro
Coordenação editorial: Ana Paula Gomes
Copidesque: Maria Lúcia A. Maier
Revisão: Raquel de Sena Rodrigues Terzi
Capa e projeto gráfico: André S. Tavares da Silva

Título original: *Something Beautiful*

ISBN: 978-85-7686-578-0

Copyright © Jamie McGuire, 2015
Direitos de tradução acordados por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2017
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M429a

McGuire, Jamie

Algo belo / Jamie McGuire ; tradução Cláudia Mello Belhassof. - 1. ed. -
Campinas, SP : Verus, 2017.
23 cm.

Tradução de: *Something Beautiful*
ISBN 978-85-7686-578-0

1. Ficção americana. I. Belhassof, Cláudia Mello. II. Título.

16-38732

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PRÓLOGO

Shepley

— *Para de ser mulherzinha* — disse Travis, me dando um soco no braço.

Franzi a testa e olhei ao redor para ver quem tinha escutado. A maioria dos meus calouros estava ao alcance do ouvido, passando por nós rumo ao refeitório da Universidade Eastern para receber orientações. Reconheci vários rostos do Colégio de Eakins, mas havia muitos mais que eu não conhecia, como duas garotas que andavam juntas — uma delas com um cardigã e uma trança castanho-clara, a outra com cabelos dourados e ondulados e short curto. Ela olhou na minha direção por meio segundo e depois continuou, como se eu fosse um objeto inanimado.

Travis levantou as mãos, exibindo um grosso bracelete de couro preto no pulso esquerdo. Eu queria arrancá-lo e bater nele com o bracelete.

— Desculpa, Shepley Maddox! — ele gritou meu nome enquanto olhava ao redor, parecendo mais um robô ou um ator canastrão. Depois sussurrou, se aproximando: — Esqueci que não posso mais te chamar assim... pelo menos, não no campus.

— Em lugar nenhum, seu babaca. Por que você veio, se era pra ser tão idiota? — perguntei.

Com os nós dos dedos, Travis deu um tapinha sob a aba do meu boné, quase o derrubando antes de eu conseguir pegá-lo.

— Eu lembro direitinho do dia da recepção aos calouros. Nem acredito que já se passou um ano. Sinistro, porra. — Pegando o isqueiro no bolso, ele acendeu um cigarro e soprou uma nuvem de fumaça cinza.

— Você que é sinistro, porra. Valeu por me mostrar aonde ir. Agora se manda.

— Oi, Travis — disse uma garota na beira da calçada.

Travis fez um sinal com a cabeça para ela e depois me deu uma cotovelada com força.

— Até mais tarde, primo. Enquanto você estiver escutando um monte de merda chata, eu vou estar com as bolas enfiadas naquela morena.

Travis cumprimentou a garota, quem quer que fosse. Eu já a tinha visto nos porões do campus no ano anterior, quando vim com Travis ver suas lutas no Círculo, mas não sabia o nome dela. Eu poderia observá-la interagindo com Travis e descobrir tudo que eu precisava saber. Ela já estava conquistada.

A contagem semanal de Travis tinha diminuído um pouco desde o primeiro ano na faculdade, mas não muito. Ele não dizia nada, mas eu percebia que ele estava entediado com a falta de desafios representada pelas colegas do campus. E eu estava louco para conhecer uma garota que ele não tivesse curvado sobre o nosso sofá.

A porta pesada precisava de mais do que apenas um empurrão, e eu entrei, sentindo o alívio imediato do ar-condicionado. Mesas retangulares unidas, ponta com ponta, formavam cinco fileiras, estrategicamente separadas em áreas para facilitar o fluxo e o acesso à fila da comida e ao bufê de saladas. Havia uma única mesa circular num canto, e lá estava a loira com sua amiga e um cara chamativo com um falso moicano descolorido que parecia ter dado de cara numa parede.

Darius Washington estava sentado na ponta da fileira de mesas, perto o suficiente da mesa redonda, e eu esperei que ele me visse. Quando me olhou, acenou para mim, como eu imaginava, e eu me juntei a ele, empolgado por estar a menos de três metros da loira. Não olhei para trás. Na maioria das vezes, Travis era um babaca arrogante, mas estar perto dele significava ter aulas gratuitas de como chamar a atenção de uma garota.

Lição número um: Vá atrás, mas não corra.

Darius acenou para as pessoas sentadas à mesa redonda.

Acenei com a cabeça para ele.

— Você conhece esse pessoal?

Ele negou.

— Só o Finch. Conheci ontem, quando me mudei pro dormitório.

Ele é hilário.

— E as garotas?

— Não, mas elas são gostosas. As duas.

— Preciso conhecer a loira.

— O Finch parece ser amigo dela. Os dois estão conversando desde que sentaram. Vou ver o que consigo fazer.

Coloquei a mão firme no ombro dele, olhando discretamente para trás. Ela encontrou meu olhar, sorriu e olhou para outro lado.

Fica calmo, Shep. Não estraga tudo.

O tédio extremo de esperar o término da recepção aos calouros só piorou com a expectativa de conhecer aquela garota. De vez em quando, eu a ouvia dando risinhos. Prometi a mim mesmo que não olharia para trás, mas fracassei várias vezes. Ela era linda, com enormes olhos verdes e cabelo comprido e ondulado, como se tivesse acabado de sair do mar e deixado o cabelo secar ao sol. Quanto mais eu me esforçava para ouvir sua voz, mais ridículo me sentia, mas havia alguma coisa nela, desde aquele primeiro olhar, que me fazia querer planejar maneiras de impressioná-la ou fazê-la rir. Eu faria qualquer coisa para chamar sua atenção, mesmo que fosse por cinco minutos.

Depois que recebemos nossos pacotes, e o mapa do campus, os planos de refeições e as regras foram explicados *ad nauseam*, o reitor, sr. Johnson, nos dispensou.

— Espera até a gente sair — falei.

Darius fez que sim.

— Relaxa. Eu vou te ajudar. Como nos velhos tempos.

— Nos velhos tempos, a gente corria atrás de meninas do ensino médio. Ela definitivamente não é uma menina do ensino médio. Provavel-

mente nem quando ela *estava* no ensino médio — falei, seguindo Darius até o lado de fora. — Ela é confiante. E também parece experiente.

— Nem, cara. Ela me parece certinha.

— Não esse tipo de experiente — bufei.

Darius riu.

— Calma. Você ainda nem conheceu a garota. É melhor ter cuidado. Lembra da Anya? Você ficou tão enrolado com ela que a gente achou que você ia morrer.

— E aí, comedor — disse Travis embaixo de uma árvore frondosa, a uns cem metros da entrada. Ele soprou a última nuvem de fumaça e apagou a bituca, esmagando-a no chão com a bota. Exibia um sorriso satisfeito, típico de um homem depois do orgasmo.

— Como? — perguntei, sem acreditar.

— O quarto dela é logo ali — disse ele, apontando para o Morgan Hall.

— O Darius vai me apresentar pra uma garota — falei. — Só... fica de boca fechada.

Travis arqueou uma sobrancelha e depois fez que sim com a cabeça.

— Tudo bem, querido.

— É sério — falei, olhando para ele. Enfiei as mãos nos bolsos da calça jeans e respirei fundo, observando Darius puxar assunto com Finch.

A morena já tinha ido embora, mas, felizmente, a amiga dela parecia interessada em ficar por ali.

— Para de se remexer — disse Travis. — Parece que você está quase mijando na calça.

— Cala a boca — sibilei.

Darius apontou na minha direção, e Finch e a loira olharam para Travis, ao meu lado.

— Merda — falei, olhando para meu primo. — Fala comigo. Estamos parecendo dois tarados.

— Você está com cara de sonhador — disse Travis. — Vai ser amor à primeira vista.

— Eles estão... estão vindo pra cá? — perguntei. Meu coração parecia prestes a sair do peito, e tive uma vontade súbita de dar uma surra no Travis por ser tão petulante.

Ele rastreou a área com sua visão periférica.

— Sim.

— Sim? — falei, tentando esconder um sorriso. Um fio de suor escapou do meu couro cabeludo, e eu o sequei rapidamente.

Travis balançou a cabeça.

— Vou te dar um chute no saco. Você já está surtando pela garota e ainda nem a conheceu.

— Oi — cumprimentou Darius.

Virei e apertei a mão que ele estendeu para mim, em algo entre um high-five e um cumprimento normal.

— Esse aqui é o Finch — disse Darius. — Ele mora no quarto ao lado do meu.

— Oi — disse Finch, apertando minha mão com um sorriso paquerador.

— Eu sou a America — disse a loira, estendendo a mão para mim. — A orientação foi cruel. Graças a Deus que só somos calouros uma vez.

Ela era ainda mais bonita de perto. Seus olhos brilhavam, seu cabelo cintilava sob a luz do sol, e suas pernas esguias pareciam o paraíso naquele short branco com franjas. Ela era quase tão alta quanto eu, mesmo de sandália, e o modo como mexia a boca ao falar, além dos lábios carnudos, era sexy pra caramba.

Peguei sua mão e a apertei.

— America?

Ela deu um sorrisinho.

— Vá em frente. Pode fazer a piadinha suja. Já ouvi todas.

— Já ouviu “Eu adoraria te foder pela liberdade”? — Travis perguntou.

Dei uma cotovelada nele, tentando manter o rosto sem expressão.

America percebeu meu gesto.

— Na verdade, já.

— E aí... aceita a minha oferta? — provocou Travis.

— Não — ela respondeu sem hesitar.

É. Ela é perfeita.

— E se fosse o meu primo? — ele perguntou, me empurrando com tanta força que tive de dar um passo para o lado.

— Para com isso — falei, quase implorando. — Não liga pra ele — eu disse para America. — Nós não deixamos ele sair muito.

— Dá para perceber o motivo. Ele é mesmo seu primo?

— Eu tento esconder das pessoas, mas é.

Ela analisou Travis e depois voltou a atenção para mim novamente.

— E aí, você vai me dizer o seu nome?

— Shepley. Maddox — acrescentei.

— O que você vai fazer no jantar, Shepley?

— O que *eu* vou fazer no jantar? — perguntei.

Travis me cutucou com o braço.

Eu o empurrei para longe.

— Vai se foder!

America deu uma risadinha.

— É, você. Eu definitivamente não chamaria o seu primo para um encontro.

— Por que não? — Travis indagou, fingindo se sentir ofendido.

— Porque eu não namoro crianças.

Darius caiu na gargalhada, e Travis sorriu, sem se abalar. Ele estava sendo babaca de propósito, para me fazer parecer o Príncipe Encantado. O companheiro perfeito de paquera.

— Você tem carro? — America perguntou.

— Tenho — respondi.

— Te espero em frente ao Morgan Hall às seis.

— É... tudo bem. Até mais tarde — falei.

Ela já estava se despedindo de Finch e se afastando.

— Puta merda — sussurrei. — Acho que estou apaixonado.

Travis suspirou e, com um tapa, segurou minha nuca.

— Claro que está. Vamos nessa.



America

Grama recém-cortada, asfalto fervendo sob o sol e fumaça de escapamento — esses eram os cheiros que me faziam lembrar do instante

em que Shepley Maddox saltou de seu Charger vintage e subiu os degraus do Morgan Hall até onde eu estava.

Seus olhos examinaram meu vestido longo azul-claro, e ele sorriu.

— Você está ótima. Não, mais que ótima. Vou ter que usar minha melhor cartada.

— Você está mediano — falei, observando sua camisa polo e o que provavelmente era sua melhor calça jeans. Eu me aproximei. — Mas seu perfume é incrível.

O rosto dele ficou vermelho o suficiente para ser notado na pele bronzeada, e ele me deu um sorriso sagaz.

— Já me disseram que a minha aparência é mediana, mas isso não vai me impedir de jantar com você.

— É mesmo?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Essa pessoa estava mentindo. E eu também. — Passei por ele, descendo os degraus.

Shepley passou apressado na minha frente e pegou a maçaneta da porta do passageiro antes de mim, abrindo-a num movimento amplo.

— Obrigada — falei, me acomodando no banco.

O couro estava frio sob a minha pele. O interior parecia ter sido aspirado e polido recentemente e tinha cheiro de aromatizador genérico.

Quando ele se sentou e virou para mim, não consegui evitar um sorriso. Seu entusiasmo era adorável. Os garotos do Kansas não eram assim tão... ávidos.

Pelo tom dourado da pele e os músculos sólidos em seus braços, que inchavam toda vez que ele os mexia, presumi que ele devia ter trabalhado ao ar livre durante todo o verão — talvez montando blocos de feno ou carregando algo pesado. Seus olhos verde-mel praticamente cintilavam, e o cabelo escuro — não tão curto quanto o de Travis — tinha sido clareado pelo sol, me lembrando da cor de caramelo do cabelo da Abby.

— Eu ia te levar ao restaurante italiano aqui da cidade, mas está fresco ao ar livre pra... Eu... eu só queria passar um tempo com você e te conhecer melhor, em vez de ser interrompido a toda hora pelo garçom.

Então eu fiz isso — disse ele, apontando com a cabeça para o banco de trás. — Espero que não seja um problema.

Fiquei tensa e me virei lentamente para ver do que ele estava falando. No meio do banco de trás, presa com o cinto de segurança, havia uma cesta sobre um cobertor dobrado várias vezes.

— Um piquenique? — perguntei, sem conseguir esconder a surpresa e a alegria na voz.

Ele expirou, aliviado.

— É. Pode ser?

Eu me virei novamente no banco, quicando quando olhei para a frente.

— Veremos.

Shepley dirigiu até um pasto particular, ao sul da cidade. Estacionou numa entrada estreita de cascalho e saiu apenas para destrancar o portão e abri-lo. O motor do Charger rosnava enquanto ele dirigia sobre duas linhas paralelas de terra, no meio de hectares de grama alta.

— Você já veio tanto aqui que criou um caminho de terra, né?

— Esse terreno é dos meus avós. Tem um lago lá embaixo, onde o Travis e eu vínhamos pescar direto.

— Vinham?

Ele deu de ombros.

— Somos os netos mais novos. Perdemos os dois casais de avós quando estávamos no fim do ensino fundamental. Depois disso, além de estarmos ocupados com os esportes e as aulas do ensino médio, parecia errado vir pescar aqui sem o nosso avô.

— Sinto muito — falei. Eu ainda tinha todos os meus avós e não conseguia imaginar perder nenhum deles. — Os dois casais? Você não quer dizer os *três* casais? — perguntei, pensando em voz alta. — Ai, meu Deus, desculpa. Fui grossa.

— Não, não... tudo bem. Já ouvi essa pergunta várias vezes. Nós somos primos em dobro. Nossos pais são irmãos, e nossas mães são irmãs. Esquisito, né?

— Não, na verdade é bem legal.

Depois que nos aproximamos de uma pequena colina, Shepley estacionou o Charger embaixo de uma árvore frondosa, a três metros de um lago com uns dois hectares. O calor do verão tinha ajudado a florescer as tífis e ninfeias, e a água estava linda, ondulando com a brisa leve.

Shepley abriu a porta, e eu desci na grama recém-cortada. Enquanto eu olhava ao redor, ele se abaixou no banco traseiro, reaparecendo com a cesta e uma colcha. Seus braços não tinham nenhuma tatuagem, bem diferente do primo, que tinha muitas. Eu me perguntei se havia alguma sob a camisa. E tive uma vontade súbita de tirar sua roupa para saber a resposta.

Ele estendeu a colcha multicolorida com um sacolejo, e ela caiu com perfeição no solo.

— Que foi? — perguntou ele. — É...?

— Não, este lugar é incrível. Só estou... Essa colcha é tão linda. Acho que eu não devia sentar nela. Parece novinha. — O tecido ainda tinha cores vivas e marcas de dobrado.

Shepley inflou o peito.

— Minha mãe que fez. Ela já fez muitas dessas. Essa ela me deu quando eu me formei. É uma réplica. — Seu rosto ficou vermelho.

— Do quê?

Assim que perguntei, ele fez uma careta.

Tentei não sorrir.

— É uma versão maior do seu cobertorzinho de infância, né?

Ele fechou os olhos e fez que sim com a cabeça.

— É.

Sentei na colcha e cruzei as pernas, dando um tapinha no espaço ao meu lado.

— Vem cá.

— Não sei se consigo. Acho que acabei de morrer de vergonha.

Olhei para ele, semicerrando um dos olhos por causa do raio de sol que escapava por entre as folhas da árvore acima.

— Eu também tenho um cobertorzinho de infância. O Murfin fica no meu quarto do dormitório, embaixo do travesseiro.

Seus ombros relaxaram e ele sentou, colocando a cesta diante de si.

— Cobe.

— Cobe?

— Acho que eu tentava falar “coberta”, que acabou virando Cobe.

Sorri.

— Gostei de você não ter mentido.

Ele deu de ombros, ainda envergonhado.

— Não sou muito bom nisso, de qualquer maneira.

Eu me aproximei, cutucando o ombro dele com o meu.

— Também gostei disso.

Shepley ficou radiante e abriu a cesta, pegando um prato com queijos e biscoitos salgados, uma garrafa de zinfandel e duas taças plásticas de champanhe.

Abafei uma risada, e Shepley soltou um risinho.

— Que foi? — perguntou.

— É que... esse é o encontro mais fofo que eu já tive.

Ele serviu o vinho.

— Isso é bom?

Espalhei o queijo brie num biscoito e mordi, fazendo que sim com a cabeça, depois tomei um gole de vinho.

— Você definitivamente ganhou A pelo esforço.

— Que bom. Mas não quero ser tão fofo a ponto de virar amigo — disse ele, quase que para si mesmo.

Lambi o biscoito e o vinho dos lábios, olhando para os dele. O clima entre nós mudou. Ficou mais pesado... elétrico. Eu me inclinei em direção a ele, e Shepley fracassou na tentativa de esconder a surpresa e a empolgação em seus olhos.

— Posso te beijar? — perguntei.

Suas sobrancelhas dispararam para cima.

— Você quer... você quer me beijar? — Ele olhou ao redor. — Agora?

— Por que não?

Ele piscou.

— É só que... hum... uma garota nunca...

— Estou te deixando desconfortável?

Ele balançou a cabeça rapidamente.

— Isso definitivamente não é o que estou sentindo agora.

Ele envolveu meu rosto com as mãos e me puxou sem hesitar. Abri a boca de imediato, saboreando a umidade do interior de seus lábios. Sua língua era macia e quente e tinha gosto de hortelã.

Gemi, e ele se afastou.

— Vamos, hum... Eu fiz uns sanduíches. Você prefere presunto ou peito de peru?

Levei a mão aos lábios, sorrindo, depois forcei um rosto sério. Shepley parecia totalmente perturbado, no melhor sentido possível. Ele me entregou um quadrado embrulhado em papel-manteiga, e eu abri um canto com cuidado, puxando até ver o pão branco.

— Graças a Deus — falei. — Pão branco é o melhor!

— Não é? Não suporto pão integral.

— Que se danem os descolorantes e as calorias!

Abri o papel e saboreei o sanduíche cuidadosamente preparado de peito de peru, queijo suíço, alface e tomate, além de algo que tinha cheiro de molho ranch apimentado. Olhei para Shepley, horrorizada.

— Ai, meu Deus.

Ele parou de mastigar e engoliu.

— Que foi?

— Tomate?

Seus olhos se encheram de pavor.

— Merda. Você é alérgica? — Ele olhou freneticamente ao redor. — Você tem um antialérgico aí? Ou é melhor eu te levar pro hospital?

Caí para trás, engasgando e segurando a garganta.

Shepley pairou sobre mim, sem saber onde encostar ou como me ajudar.

— Merda. Merda! O que eu faço agora?

Agarrei sua camisa e o puxei, me concentrando em falar. Finalmente, as palavras saíram.

— Boca a boca — sussurrei.

Ele ficou tenso, depois todos os seus músculos relaxaram.

— Você está me zoando?

E se sentou enquanto eu caía na gargalhada.

— Meu Deus, Mare, eu quase surtei!

Minha risadinha morreu, e eu sorri para ele.

— Minha melhor amiga me chama de Mare.

Ele suspirou.

— Pronto, vou virar amigo...

Levantei a mão acima da cabeça, enrolando no dedo alguns fios do meu cabelo comprido, sentindo a grama fria sob o braço.

— Melhor afastar essa possibilidade com um gesto de carinho mais agressivo.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não sei se consigo dar conta de você.

— Você só vai saber se tentar.

Shepley se ancorou com os braços nas minhas laterais, depois se abaixou, encostando os lábios nos meus. Levei as mãos para baixo, puxando minha saia, e sorri quando a bainha ficou acima dos joelhos. Seus lábios trabalhavam nos meus enquanto ele se posicionava entre as minhas pernas, num movimento suave.

Suas mãos eram tão agradáveis na minha pele que meus quadris se mexeram em reação. Ele colocou a mão atrás do meu joelho, puxando-o até sua cintura.

— Puta merda — disse ele nos meus lábios.

Eu o puxei para mais perto. A dureza atrás de seu zíper fazia pressão contra mim, e eu gemi, sentindo o jeans na ponta dos dedos enquanto abria sua calça.

Quando coloquei a mão lá dentro, Shepley congelou.

— Eu não trouxe... Eu não estava esperando isso. Nem um pouco.

Com a mão livre, peguei um pequeno pacote na lateral do meu sutiã tomara que caia.

— Quer uma dessas?

Shepley olhou para o quadrado de alumínio na minha mão, e sua expressão mudou. Ele recuou e se apoiou sobre os joelhos, me observando, enquanto eu me erguia nos cotovelos.

— Deixa eu adivinhar — falei, sentindo a acidez das minhas palavras. — Acabamos de nos conhecer. Eu sou sexualmente ousada e trouxe uma camisinha, então isso deve significar que sou uma vagabunda, o que te deixa totalmente desinteressado.

Ele franziu a testa.

— Pode falar. Fala o que você está pensando — comentei, provocando-o. — Pode mandar a real. Eu aguento.

— Essa garota é articulada, divertida e provavelmente a criatura mais linda que eu já vi na vida. Como foi que eu consegui estar aqui com ela? — Ele se inclinou para a frente, meio confuso, meio maravilhado. — E não tenho certeza se isso é um teste. — Ele olhou para os meus lábios. — Porque, pode acreditar, se for eu quero passar.

Sorri e o puxei para mais um beijo. Ele inclinou a cabeça, se aproximando com ansiedade.

Eu o segurei a poucos centímetros da minha boca.

— Eu posso ser rápida, mas gosto de beijos demorados.

— E eu posso te dar.

Os lábios de Shepley eram carnudos e macios. Ele exalava nervosismo e inexperiência, mas o modo como me beijava contava uma história diferente. Ele deu um beijinho na minha boca, se demorando um pouco antes de se afastar, depois me beijou de novo.

— É verdade o que dizem? — sussurrou. — Que garotas rápidas não costumam ficar por muito tempo?

— Essa é a questão de ser rápida. Você só sabe o que vai fazer quando faz.

Ele expirou.

— Só me faz um favor — disse, entre um beijo e outro. — Quando você estiver pronta pra ir embora, tenta me abandonar com calma.

— Você primeiro — sussurrei.

Ele me deitou de costas na colcha, terminando o que eu tinha começado.



Shepley

America parecia um anjo, pressionando o telefone no ouvido, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Mesmo não sendo lágrimas de felicidade, ela não era nada menos que linda.

Ela digitou na tela e segurou o celular no espaço entre as pernas cruzadas. A grossa capa pink estava apoiada na cama formada por seus dedos elegantes e na saia longa verde-oliva, me lembrando do nosso primeiro encontro — que por acaso foi no primeiro dia em que nos encontramos... assim como outros “primeiros”. Eu já a amara naquele dia, mas amava ainda mais agora, sete meses e um término depois, mesmo com o rosto manchado de rímel e os olhos injetados.

— Eles estão casados. — America soltou uma risada e secou o nariz.

— Eu ouvi. O Honda está no aeroporto, então? Posso te levar até lá e te seguir até o apartamento. Quando é que o voo deles chega?

Ela fungou, irritada consigo mesma.

— Por que estou chorando? O que há de errado comigo? Nem estou surpresa. Nada do que eles fazem me surpreende mais!

— Dois dias atrás, nós achamos que eles tinham morrido. Agora a Abby é esposa do Travis... e você acabou de conhecer os meus pais. Foi um fim de semana pesado, baby. Não se cobre demais.

Peguei sua mão e ela pareceu relaxar, mas não demorou muito para se enfurecer novamente.

— Agora você é parente dela — falou. — Eu sou só a amiga. Todo mundo é parente, menos eu. Sou só uma estranha.

Envolvei o braço no pescoço dela e a puxei para o meu peito, beijando seu cabelo.

— Você vai ser parte da família em breve.

Ela me empurrou para longe, com mais um pensamento incômodo flutuando em sua cabecinha linda.

— Eles acabaram de se casar, Shep.

— E daí?

— Pensa bem. Eles não vão querer dividir o apartamento.

Minhas sobrancelhas se aproximaram. *Que merda vou fazer agora?*

Assim que a resposta pipocou em minha mente, sorri.

— Mare.

— Quê?

— A gente devia alugar um apartamento.

Ela balançou a cabeça.

— Já falamos sobre isso.

— Eu sei, mas quero falar de novo. O Travis e a Abby terem se casado é a desculpa perfeita.

— Sério?

Fiz que sim com a cabeça.

Observei, paciente, enquanto as possibilidades nadavam em seus olhos, os cantos da sua boca se curvando cada vez mais para cima a cada segundo.

— É tão empolgante pensar nisso, mas, na realidade...

— Vai ser perfeito — falei.

— A Deana vai me odiar ainda mais.

— A minha mãe não te odeia.

Ela me olhou, hesitante.

— Tem certeza?

— Eu conheço a minha mãe. Ela gosta de você. Muito.

— Então vamos nessa.

Fiquei parado por um instante, sem acreditar, depois estendi a mão para ela. Aquilo já era surreal — o fato de que ela estivera o fim de semana

inteiro na casa onde cresci, e agora estava sentada na minha cama. Desde o dia em que nos conhecemos, senti como se a realidade tivesse sido alterada. Milagres como America simplesmente não aconteciam comigo. Não apenas meu passado e meu presente inacreditável tinham se entrelaçado, mas America Mason tinha acabado de concordar em dar o próximo passo comigo. Chamar de “um grande fim de semana” seria eufemismo.

— Vou ter que arrumar um emprego — falei, tentando recuperar o fôlego. — Tenho um pouco de dinheiro guardado das lutas, mas, por causa do incêndio, acho que nenhuma luta vai acontecer agora, se é que vão voltar a acontecer um dia.

America balançou a cabeça.

— De qualquer maneira, eu não ia querer que você fosse, depois do que aconteceu naquela noite. É perigoso demais, Shep. Vamos ter vários enterros pelas próximas semanas.

Como uma bomba, suas palavras roubaram toda a empolgação da conversa.

— Não quero pensar nisso.

— Você não tem reunião da fraternidade amanhã?

Fiz que sim com a cabeça.

— Vamos arrecadar dinheiro pras famílias e fazer alguma coisa na fraternidade em homenagem ao Derek, ao Spencer e ao Royce. Ainda não consigo acreditar que eles morreram. Acho que ainda não caiu a ficha.

America mordeu o lábio e colocou a mão sobre a minha.

— Fico tão feliz porque você não estava lá. — Ela balançou a cabeça. — Pode ser egoísta da minha parte, mas só consigo pensar nisso.

— Não é egoísta. Eu pensei a mesma coisa em relação a você. Se o meu pai não tivesse insistido pra eu te trazer aqui esta semana... a gente podia estar lá, Mare.

— Mas não estávamos. Estamos aqui. O Travis e a Abby se casaram, e nós dois vamos morar juntos. Quero pensar em coisas boas.

Comecei a fazer uma pergunta, mas hesitei.

— Que foi?

Balancei a cabeça.

— Fala.

— Você sabe como o Travis e a Abby são. E se eles se separarem? O que vai acontecer com nós dois?

— Provavelmente vamos deixar um deles dormir no nosso sofá e ouvir os dois discutindo na nossa sala até eles voltarem.

— Você acha que eles vão ficar juntos?

— Acho que vai ser meio instável por um tempo. Eles são... imprevisíveis. Mas a Abby está diferente com o Travis, e ele definitivamente está diferente com ela. Acho que eles precisam um do outro, de um jeito bem verdadeiro. Entende o que eu quero dizer?

Sorri.

— Entendo.

Ela olhou ao redor do meu quarto, pousando os olhos nos meus troféus de beisebol e numa foto dos meus primos comigo quando eu tinha uns onze anos.

— Eles te davam muitas surras? — perguntou ela. — Você era o primo mais novo dos irmãos Maddox. Isso devia ser... maluco.

— Não — falei simplesmente. — Éramos mais como irmãos do que como primos. Eu era o mais novo, por isso eles me protegiam. O Thomas meio que tratava o Travis e eu como bebês. O Travis sempre nos metia em encrenca, e a culpa sempre caía nele. Eu era o pacifista, eu acho, sempre pedindo clemência. — Ri com as lembranças.

— Em algum momento, vou ter que perguntar sobre isso pra sua mãe.

— Isso o quê?

— Como foi que ela e a Diane acabaram com o Jack e o Jim.

— Meu pai diz que aconteceu com muita tática — falei, dando uma risadinha. — Minha mãe diz que foi um desastre.

— Parece com a gente... O Travis e a Abby, e você e eu. — Seus olhos brilharam.

Um ano depois de eu ter me mudado, meu quarto estava quase igual. Meu antigo computador ainda estava acumulando poeira na pequena mesa de madeira no canto, os mesmos livros estavam nas prateleiras, e duas fotos constrangedoras da formatura eram mantidas em porta-

-retratos baratos sobre a mesa de cabeceira. Os únicos objetos que faltavam eram as fotos e as notícias emolduradas da minha época de futebol americano, que costumavam ficar penduradas nas paredes cinza. O ensino médio parecia que tinha sido um século atrás. Toda a vida sem America parecia um universo alternativo. Tanto o incêndio quanto o casamento de Travis tinham solidificado ainda mais meus sentimentos por ela.

Fui tomado por um calor que só aparecia quando ela estava por perto.

— Então, acho que isso significa que nós somos os próximos — falei sem pensar.

— Os próximos pra quê? — A súbita compreensão fez suas sobrancelhas se erguerem, e ela se levantou. — Shepley Walker Maddox, faça o favor de guardar a aliança pra você. Não estou nem perto de me sentir preparada pra isso. Vamos só brincar de casinha e ser felizes, tudo bem?

— Tudo bem — concordei, levantando as mãos. — Eu não quis dizer *em breve*. Só disse *os próximos*.

Ela se sentou.

— Tudo bem. Só pra esclarecer, eu tenho o segundo casamento do Travis e da Abby pra planejar e não tenho tempo pra outro.

— Segundo casamento?

— Ela me deve uma. Muito tempo atrás, fizemos a promessa de que uma seria a madrinha da outra. Ela vai ter uma despedida de solteira de verdade, um casamento de verdade, e vai me deixar planejar tudo — disse ela, sem uma única insinuação de sorriso nos lábios.

— Entendi.

Ela jogou os braços ao redor do meu pescoço, seu cabelo me sufocando. Enterrei o rosto ainda mais em seus cachos loiros, aceitando a falta de ar, se fosse para ficar perto dela.

— Seu quarto é muito limpo. Tanto esse como o do apartamento — sussurrou ela. — Eu não sou maníaca por limpeza.

— Eu sei.

— Você pode enjoar de mim.

— Impossível.

— Você vai me amar pra sempre?

— Por mais tempo que isso.

Ela me abraçou com força, soltando um suspiro feliz, do tipo que eu batalhava muito para conseguir, porque me deixava radiante. Seus suspiros doces e felizes eram como o início do verão, como se qualquer coisa fosse possível, como se fosse meu superpoder.

— Shepley! — chamou minha mãe.

Recuei e peguei America pela mão, conduzindo-a para fora do quarto, pelo corredor e até a sala de estar do andar de baixo. Meus pais estavam sentados lá, juntos na namoradeira surrada, de mãos dadas. Aquele móvel tinha sido o primeiro que compraram juntos, e eles se recusavam a se livrar dele. O restante da casa era repleto de couro contemporâneo e design rústico moderno, mas eles passavam mais tempo no primeiro andar, no tecido floral azul da primeira namoradeira, que provocava coceiras.

— Vamos ter que dar uma saída rápida daqui a pouco, mãe. Voltamos pro jantar.

— Aonde vocês vão? — ela perguntou.

America e eu trocamos olhares.

— A Abby acabou de ligar. Ela quer que a gente passe no apartamento rapidinho — respondeu America.

Ela e Abby eram bem versadas na arte das meias-verdades improvisadas. Imaginei que Abby tinha ensinado para America depois que ela se mudou para Wichita. As duas precisaram dar muitas escapadas quando viajavam até Vegas sendo menores de idade, para Abby poder jogar e ajudar o pai fracassado a pagar as dívidas.

Meu pai se inclinou para a frente no assento.

— Você pode esperar um minuto? Precisamos fazer algumas perguntas.

— Só preciso pegar minha bolsa — disse America, saindo com delicadeza.

Minha mãe sorriu, mas eu franzi a testa.

— Qual é o problema?

— Senta, filho — disse meu pai, dando um tapinha na poltrona reclinável marrom, ao lado da namoradeira.

— Eu gosto dela — disse minha mãe. — Gosto muito mesmo. Ela é forte, decidida, e te ama do mesmo jeito.

— Espero que sim — falei.

— Ama, sim — disse minha mãe com um sorriso sagaz.

— Então... — comecei. — O que vocês querem me falar que não podia ser dito na frente dela?

Eles se entreolharam, e meu pai deu um tapinha no joelho da minha mãe.

— É ruim? — perguntei.

Eles se esforçaram para encontrar as palavras, respondendo sem falar.

— Tudo bem. É ruim em que nível?

— Tio Jim ligou — disse meu pai. — A polícia esteve na casa dele ontem à noite, fazendo perguntas sobre o Travis. Acham que ele é responsável pela luta no Keaton Hall. Você sabe alguma coisa sobre isso?

— Pode nos contar — disse minha mãe.

— Eu sei da luta — respondi. — Não foi a primeira. Mas o Travis não estava lá. Vocês estavam aqui quando eu liguei pra ele. O Travis estava no apartamento.

Meu pai se mexeu no assento.

— Ele não está no apartamento agora. Você sabe onde ele está? A Abby também sumiu.

— Tudo bem — falei simplesmente, sem querer responder nada.

Meu pai percebeu.

— Onde eles estão, filho?

— O Travis ainda não falou com o tio Jim, pai. Você não acha que devíamos dar uma chance a ele primeiro?

Ele pensou no argumento.

— Shepley... você tinha alguma coisa a ver com essas lutas?

— Estive em algumas. A maioria este ano.

— Mas não nessa — esclareceu minha mãe.

— Não, mãe, eu estava aqui.

— Foi isso que dissemos ao Jim — explicou meu pai. — E é isso que vamos dizer à polícia, se eles perguntarem.

— Você não saiu? Em nenhum momento da noite? — minha mãe questionou.

— Não. Recebi uma mensagem sobre a luta, mas o fim de semana era importante pra America, e eu nem respondi.

Minha mãe relaxou.

— Quando foi que o Travis saiu? E por quê? — perguntou meu pai.

— Pai — respondi, tentando manter a paciência —, o tio Jim vai te contar depois que o Travis falar com ele.

America espiou pela porta do meu quarto, e fez um sinal para ela se juntar a nós.

— A gente precisa ir — disse ela.

Fiz que sim com a cabeça.

— Vocês voltam pro jantar? — perguntou minha mãe.

— Sim, senhora — respondeu America.

Eu a arrastei escada acima atrás de mim até o andar principal e porta afora.

— Pesquisei o voo deles — disse ela enquanto nos acomodávamos no Charger. — Mais duas horas.

— Então vamos chegar a Chicago bem na hora.

America se inclinou para beijar meu rosto.

— O Travis pode estar bem encrencado, não é?

— Não se eu puder ajudar.

— Nós, baby. Não se nós pudermos ajudar.

Olhei nos olhos dela.

Travis já tinha custado meu relacionamento com America uma vez. Eu o amava como a um irmão, mas não arriscaria novamente. Eu não podia deixar America proteger Travis e se encrencar com as autoridades, mesmo que ela quisesse.

— Mare, eu te amo por dizer isso, mas preciso que você fique de fora dessa.

Ela franziu o nariz, irritada.

— Uau.

— O Travis vai levar muita gente junto se cair. Não quero que você seja uma dessas pessoas.

— E você? Vai ser uma delas?

— Vou — respondi sem hesitar. — Mas você estava na casa dos meus pais o fim de semana todo. Você não sabe de nada. Entendeu?

— Shep...

— É sério — falei. Minha voz estava séria como nunca, e ela se recostou um pouco. — Promete.

— Eu... não posso te prometer isso. A Abby é como se fosse minha família. Eu faria qualquer coisa para protegê-la. Por proximidade, isso inclui o Travis. Estamos todos juntos nessa, Shepley. O Travis faria o mesmo por mim ou por você, e você sabe disso.

— É diferente.

— Não é. Nem um pouco.

Eu me inclinei para beijar seus lábios teimosos, que eu tanto amava, e virei a chave na ignição, dando partida no Charger.

— Eles podem dirigir o seu carro até em casa.

— Ah, não — disse ela, olhando furiosa pela janela. — Na última vez que pegaram meu carro emprestado, eles se casaram sem mim.

Dei uma risadinha.

— Me deixa no Honda. Eu levo os dois pra casa, e eles vão ouvir muito no caminho. E o Travis não vai escapar indo com você, então, se ele perguntar...

Balancei a cabeça, me divertindo.

— Eu não ousaria.